

EDITAL DE INSCRIÇÃO (RESUMO EXPANDIDO) - PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO STRICTO SENSU PSICOLOGIA

**FAMÍLIA COMO ESPAÇO DE RISCO E PROTEÇÃO: VIOLÊNCIA,
SOFRIMENTO PSÍQUICO E SAÚDE MENTAL NA POPULAÇÃO
LGBTQIAPN+**

Andreia Da Fonseca Araujo (de_faraujo@yahoo.com.br)

Maria Do Carmo Fernandes (mcf.martins@uol.com.br)

Clarissa De Franco (clarissadefranco@hotmail.com)

Valquíria Aparecida Rossi (valquiria.rossi@gmail.com)

Camila Orlandi (camis.orlandi@gmail.com)

Rosa Frugoli (clinarosafrugoli@gmail.com)

A família, tradicionalmente concebida como espaço de proteção, socialização e pertencimento, pode, paradoxalmente, se tornar uma das principais fontes de sofrimento psíquico para pessoas LGBTQIAPN+. Rejeição, violência física e psicológica, expulsão de casa, silenciamento afetivo e vigilância excessiva são formas de violência que emergem nesse contexto, convertendo o lar em espaço de risco psicossocial e fonte de intenso sofrimento psíquico. Este estudo, derivado da tese de doutorado da primeira autora, que desenvolveu a Escala de Avaliação de Riscos Psicossociais e Sofrimento Psíquico em Diversidade Sexual e de Gênero – ESOP, analisou a família como núcleo ambivalente de risco e proteção. A fundamentação teórica incluiu autores como Crenshaw e Collins, ao evidenciar que gênero, sexualidade, classe e raça

interagem na produção de desigualdades; Butler e Connell, ao problematizar a heterocisnormatividade que regula vínculos familiares; Franco e Maranhão Filho, ao relacionar essencialismo de gênero ao sofrimento psíquico; e Jung e Hillman, ao discutir como complexos familiares e coletivos moldam a subjetividade e podem tanto aprisionar quanto favorecer processos de individuação. Metodologicamente, a pesquisa contou com 493 participantes LGBTQIAPN+ que responderam à ESOP, além dos instrumentos BDI, COPSOQ e PANAS-20. A análise fatorial identificou que o maior sofrimento relatado foi o medo de violência familiar, superando inclusive a rejeição social e religiosa. Depoimentos qualitativos indicaram medo constante de perder vínculos afetivos, de ser expulso de casa, ou de ser alvo de agressões físicas, especialmente em contextos de maior dependência econômica. Ao mesmo tempo, alguns relatos destacaram famílias acolhedoras como fontes de resiliência, apoio material e proteção, evidenciando a ambivalência do núcleo familiar. Os resultados demonstram que a família constitui tanto um dos principais fatores de risco quanto um potencial fator de proteção para a saúde mental da população LGBTQIAPN+. O sofrimento derivado da violência familiar está diretamente associado a sintomas de depressão, ansiedade, síndrome do pânico e ideação suicida, revelando impactos severos e duradouros. Por outro lado, quando a família assume postura inclusiva, torna-se espaço privilegiado de cuidado, reduzindo riscos psicossociais e sofrimento psíquico, fortalecendo a autoestima. Conclui-se que é urgente reconhecer a centralidade da família na experiência de sofrimento psíquico de pessoas LGBTQIAPN+, promovendo políticas públicas e práticas clínicas que visem o fortalecimento de vínculos familiares inclusivos. A ESOP, ao identificar a violência familiar como fator de maior impacto, evidencia a necessidade de práticas de acolhimento que não apenas tratem os sintomas, mas também intervenham no contexto relacional, promovendo transformações culturais que possibilitem a família ser, de fato, espaço de proteção e dignidade. As referências utilizadas para este estudo foram ARAUJO, A. F. Escala de Avaliação de Riscos Psicossociais e Sofrimento Psíquico em Diversidade Sexual e de Gênero. [Tese de Doutorado em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo – UMESP], 2025; ARAUJO, A. F. O Sofrimento de Gays e Lésbicas Vítimas de Violência: Um Estudo do Fenômeno na Perspectiva da Psicologia Junguiana. [Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo – UMESP], 2022; BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a

política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019; CONNELL, R. W. Masculinidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; CONNELL, R. W. Gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011; CRENSHAW, K. W. The Intersectionality of Race and Gender Discrimination. In: United Nations Committee on the Elimination of Racial Discrimination, Gender Dimensions of Racial Discrimination, 2000; FRANCO, C. de; MARANHÃO FILHO, E. M. de A. Sagrado não-binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no sagrado feminino. Mandrágora, 25(2), p. 127-151, 2019; HILLMAN, J. O mito da análise: três ensaios em psicologia arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1981; HILLMAN, J. O Código do Ser. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013; JUNG, C. G. A energia psíquica – OC 8/1. Petrópolis: Vozes, 2013a; JUNG, C. G. A natureza da psique – OC 8/2. Petrópolis: Vozes, 2013b; JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo – OC 9/1. Petrópolis: Vozes, 2014a; JUNG, C. G. Psicologia do inconsciente – OC 7/1. Petrópolis: Vozes, 2014b; JUNG, C. G. Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Palavras-chave: família; violência; lgbtqiapn+; sofrimento psíquico; riscos psicossociais.